

PARA A HISTÓRIA DA «ÁGUIA» E DA «RENASCENÇA» PORTUGUESA

VIII

UM FAMOSO INQUÉRITO LITERÁRIO

OS primeiros meses da existência da *Águia* e da «Renascença Portuguesa» passaram-se entre calorosos incitamentos da Imprensa. A nova Revista e a nova Sociedade «vinham preencher lacunas» e não houve adjectivos amáveis que não se lhes applicassem. Começaram, porém, a ver os críticos improvisados que se tratava duma iniciativa condicionada para durar e progredir, e a orientação mudou. A *Águia* passou a ser uma publicação pretenciosa e de camarilha e a «Renascença» apenas uma Sociedade por cotas, propondo-se promover o renascimento nacional com um Estatuto e um Gerente! Aos atilados *reporters* dalguns jornais não ocorreram melhores argumentos para depreciarem a instituição, que se lançou desde logo a criar Universidades Populares e a organizar conferências de alto sentido educativo. E um houve, mais decidido, que promoveu o famoso «Inquérito literário» para fazer incidir sobre *Águia* e «Renascença Portuguesa» todas as diatribes, que os demolidores de profissão andavam escrevinhando pelas mesas dos cafés. Abriram-se as válvulas e silvaram todos os maus impulsos a respeito duma obra intemerata e limpa, que se estava realizando sem alcapões nem desfalecimentos e cujo maior defeito era não convidar para ela certos jornalistas levianos e alguns escritores sem talento que se julgavam senhores da intelectualidade portuguesa.

A *Águia* não respondeu ao «Inquérito», porque êle não se revestiu da seriedade, que seria para desejar. Houve debates pessoais, incidentes vários, mas na revista e na «Renascença» continuaram as obras e as realizações.

Num belo artigo, «Da Renascença Portuguesa e seus intuitos», Jaime Cortesão, o obreiro máximo da saudável Companhia, escrevera em devido tempo:

«Aqui repetirei o que já algures disse e é que são bem felizes os povos a quem os séculos deram um doloroso saber de experiências feito,

uma alma original e uma clara consciência do seu valor, para, num dado momento da sua história, perante uma nova missão a cumprir, realizarem a coerência das suas máximas virtudes. Para a História, os povos são outras tantas criaturas, e essa divina Artista apenas funde no seu bronze eterno as figuras, cujo perfil possua o vigor, a nobreza, a energia sóbria e original que bastem a distingui-lo entre todos num rápido olhar.

.....

Sim, são felizes os povos que, nas horas de dúvida ou de angústia, podem olhar demoradamente a sua própria estátua e nessa contemplação, nesse profundo ensimesmamento, recordar as energias íntimas para abraçar a vontade numa nova fé. Assim o valor da tradição, o significado de todas as tentativas de renascimento consiste no desejo e no esforço consciente de fundir a atitude fria da estátua na torrente das expressões duma vida gémea, ou mais ainda no desejo de retocar a escultura, dilatando-lhe as feições em mais intrínseca nobreza, acendendo-lhe no olhar uma chama mais viva de audácia criadora. É isso o que tenta a «Renascença Portuguesa», procurando tornar-se a consciência activa dum fenómeno social de ressurgimento que, de alguns anos para cá, se vem realizando, ainda que parcialmente, na nossa terra e que só os cegos ou os descrentes e pessimistas por ofício podem negar».

Pois bem. Palavras tão claras e eloqüentes, que eram a expressão viva do sentir pátrio, não foram consideradas pelos censores da obra da «Renascença Portuguesa». Fingindo ignorá-las, apontaram apenas ao riso do leitor desprevenido com o estandarte poético do «Saüdosismo», que revestiram de irritantes imposições doutrinárias e absurdos conceitos filosóficos. E mal Fernando Pessoa iniciou na *Águia* seus artigos sobre a «Nova Poesia Portuguesa», às perfídias anónimas juntaram-se protestos directos contra o desafôo de se admitirem no órgão da «Renascença Portuguesa» tão atrevidas imperitências. Virão um dia a lume as cartas que me dirigiram alguns escritores ilustres, censurando abertamente a *Águia* por dar curso às estravagâncias dum super-Camões e a doutrinas literárias que reputavam fora do bom senso e do bom nome da Sociedade.

Como disse, «Renascença Portuguesa» não deu ouvidos aos protestos, não lhes respondeu e continuou trabalhando, sempre à margem dos críticos, que foram ficando pelo caminho, desiludidos e desprezados...

Discutiu-se largamente o Saüdosismo dentro da «Renascença», cabendo a Teixeira de Pascoais defendê-lo e a António Sérgio e Raúl Proença atacá-lo. Mas nunca se escreveu ou afirmou que o «Saüdosismo» fôsse doutrina ou dogma da «Renascença», sociedade destinada a promover a maior cultura do povo português, dentro daquele ressurgimento a que se referiu Jaime Cortesão e que estava fervilhando no mais profundo da alma nacional.

IX

A SUBSCRIÇÃO A FAVOR DE GOMES LEAL

No famoso «Inquérito» destinado a arrasar a atrevida Sociedade com Estatuto e Gerente, que se permitia decretar em alguns artigos o renascimento da terra portuguesa, uma das vozes mais indignadas contra os petulantes rapazes da *Águia* foi a de Gomes Leal, o egrégio Poeta das «*Claridades do Sul*». Os raios da sua indignação ferveram com ímpeto à volta da «Renascença», mas não a atingiram, porque, afinal, o argumento do Poeta era apenas um desabafo de compreensível amor-próprio:

— Renascença? Mas, Renascença hoje, em Portugal, só se sair de mim!

Estas loucuras ainda são as mais nobres, porque exaltam as pessoas acima de si próprias, tornando-as sobrenaturais. Gomes Leal sentiu-se divino. A «Renascença Portuguesa» respeitou-lhe a exaltação e acudiu a oferecer-lhe a mais sincera e profícua solidariedade, logo que se espalhou que o Autor da «*Mulher de Luto*» e do «*Fim de um Mundo*», o temível panfletário da «*Traição*» e do «*Anti-Cristo*» se encontrava na miséria, abandonado de quantos o haviam incensado e dos mesmos que de seu verbo rutilante se tinham servido.

Gomes Leal compreendeu, com admirável nobreza, o impulso fraterno daqueles a quem tinha invectivado com injustificada virulência. E à carta que, em nome da «Renascença», tive a missão de escrever-lhe, êle respondeu com estas palavras de tão reflectida e cativante serenidade:

«Ex.^{mos} Senhores e Confrades:

Agradeço muito a V. Ex.^{as} a generosa lembrança que tiveram de promoverem uma subscrição nacional a meu favor. Como V. Ex.^{as} sabem, nada aceitei do Estado Actual, jamais. Porém, de uma colectividade espiritual, feita tôda de almas e espíritos rectos, nada posso recusar porque seria soberba minha prégar o auxílio e a fraternidade social, e recusar a

que nos oferecem corações que vibram, uníssonos, com o meu sentir. Eu preferia que Portugal lêsse os meus livros, e os comprasse. Mas Portugal não lê. A todos um abraço enternecido e espiritual.»

A subscrição teve esplêndido êxito, tendo inscrito seus nomes nas listas distribuídas pessoas de todas as categorias sociais, desde o Presidente da República até humildes operários. E quando, algum tempo depois, fomos visitar Gomes Leal a Cascais — o Visconde de Vila-Moura, Mário Beirão e o signatário destas linhas — o Poeta da «*História de Jesus*» sentia-se remoçar, tinha largos planos de remodelação de toda a sua obra poética, que desejava ver «expurgada de erros e heresias», como acentuava sempre que tinha de expor seu projecto de novas edições, e, a nosso convite, iria viver para o Pôrto, onde lhe era garantido todo o confôrto e solidariedade intelectual.

Não se julgue, porém, que a iniciativa da «Renascença Portuguesa» foi isenta de censuras, acusações e vis comentários. Para a maioria das pessoas sensatas, o gesto da «Renascença» promovendo a subscrição e o de Gomes Leal aceitando-a foram oportunos, generosos e honrados. Para outros, para aqueles cuja razão de existir se limita a malsinar tudo e todos, a denegrir quantas iniciativas se possam desenvolver em literatura, em arte e até em solidariedade social, para êsses a «Renascença» praticou um acto detestável, digno de ser cauterizado a fogo. Referiu-se-lhes a «*Vida Portuguesa*», de 6 de Maio de 1913, nestes termos:

«Há um certo número de escritores que estão ganhando dinheiro à custa da fome de Gomes Leal. Mas como? Mostrando ao seu público, a todos os portugueses o dever sagrado de socorrer aquela miséria, que, sendo dum dos nossos maiores irmãos, é por isso mesmo a mais vergonhosa para todos nós?

Não. É deturpando o sentido da subscrição promovida pela «Renascença Portuguesa» a favor de Gomes Leal e lançando sôbre uma e outro as maiores insolências.

Como aquele nobilíssimo Conde, que em terras do Norte ganhou o seu Condado de Avranches, também Gomes Leal tem a sua Alfarrobeira, pululante de miseráveis, e como o outro, na hora sublime da morte, podia o Poeta, na hora trágica da sua estranha miséria, exclamar: Vingar rapazes! Fartar vilanagem!»

Foram notas anónimas, pequenos écos, alguns artigos assinados, mais por opposição a qualquer acto da «Renascença» que por sincera reprovação do

movimento a favor do Poeta. É natural que estivessem ressentidos com o revolucionário do «Hereje» os admiradores de seu verbo flamejante. Êsses viam em Gomes Leal apenas o convertido a outra Fé. Da parte dos escritores e jornalistas que se atiraram a enxovalhar a subscrição e a sua aquiescência — é que parece não ter havido senão despeito e ruindade. Despeito, por não ter partido dêles a iniciativa. Ruindade, por não terem ânimo de aplaudir boas acções dos outros.

Dentre as congeminências assinadas, houve um artigo, cuja publicação foi solicitada a um jornal do Pôrto, mas que ficou inédito até êste momento em que desejo oferecer aos leitores dos elementos que estou publicando sôbre a vida da «Renascença Portuguesa» os períodos seguintes, tão brilhantes de forma como profundos de conceito e delicadeza:

«O lado moral da questão, eis o que me aflige. Há coisas que, sem directamente nos atingirem, nos humilham como vergastadas. E não será esta uma delas? Porque nem só a fome de Gomes Leal nos deve preocupar; o orgulho duma geração foi pôsto em cheque e não deveríamos jámais esquecer que muita vez o nosso orgulho nos impõe *certos silêncios*. Em França, quando o mágo espírito de Maupassant sossobrou na paralisia geral, a voz enérgica de Barrès ergueu-se num doloroso brado, lamentando que a lei não permitisse «acabar, pela morte violenta, aquela atroz decadência, duma tão cruel lentidão». É assim que, lá fora, os artistas costumam respeitar, na desgraça dum camarada, a dignidade duma geração e até a dum país. Mas em Portugal, onde *se diz tudo* com uma semcerimónia tão escandalosa quão descabida, casos dêstes não oferecem tão meticulosos reparos. O «ponha lá isso!» é uma genial síntese do nosso desvairo moral.

Dir-se-á: Gomes Leal aceitou... Mas a culpa não é de êle; é de quem lhe propôs o desconchavo, que não soube respeitá-lo-O nem respeitar-se. Demais eu não acredito, eu não posso acreditar no evangelismo pelintra dêsse infeliz gesto. Sob a compostinha gravidade das sobrecasacas dessa gente, eu adivinharei sempre a camisa de mangas arregaçadas e o antebraço peludo duns líricos que, há bem pouco ainda, apedrejavam a torto e a direito quem ao alcance lhes passava...

E agora os veremos, aos senhores da tal «Renascença», de lista na mão, e quiçá de opa vermelha de andador das almas, a badalar a todas as portas e a retribuir em simonte o que em surrados cobres lhes entregarem. Porque, meu querido Camarada, ninguém me garante a impossibilidade de surgir um anónimo jocoso, que para a subscrição contribua com a esquinada sôma de 35 em cobre. E já de aqui me figuro um burguês filantropo, no intervalo duma estirada digestão, espremendo da bôlsinha de

prata uns *niqueis* e recomendando ao criado, numa benevolência de Me-
cenas pachorrento:

— José, leva isto à «Renascença!»

A subscrição manteve o Poeta mais de três anos ao abrigo da fome, tendo-lhe eu oferecido, em nome de Teixeira Lopes, Teixeira de Pascoais e Visconde de Vila-Moura franca hospedagem em suas casas de campo, além de acolhimento incondicional na sede da «Renascença», onde êle assegurava que preferia ficar, sempre atraído pela cidade.

Mas Gomes Leal não podia saír de Lisboa, de tal forma aqui se sentia preso. Prometeu várias vezes que iria para o Norte, mas nada o convenceu a ir. Seduzia-o o ambiente em que se deixara resvalar a todas as quebras da vontade e da decisão. Ficou, aniqui-lou-se, perdeu-se por completo.

Que fizeram, porém, logo que a «Renascença» deu por terminada sua tarefa de solidariedade, os moralistas, os acusadores, os impolutos defensores do orgulho ultrajado? Quem os viu a amparar o velho que caía aos pedaços? Quem os surpreendeu a praticar com o excelso Poeta um acto qualquer de pura fraternidade humana?

ALVARO PINTO

Recebemos uma nova carta do sr. Cândido Guerreiro, que, ao abrigo da Lei de Imprensa, não publicamos, visto o seu autor exigir a inserção na íntegra e ela conter expressões que não estão na índole desta Revista.

«A ciência incha (diz o S. Paulo) e a caridade edifica. E ainda que o compor livros da qualidade que são os dêste pio e erudito padre também edifica muito aos outros, todavia possível é que edifique pouco ao seu autor. Porque, como disse S. Bernardo, há uns que querem saber só por saber, e é curiosidade; e há outros que querem saber para serem conhecidos por sábios, e é vaidade; e há outros que querem saber para vender o que sabem, e é interêsse; e há outros que querem saber para edificar os próximos, e é caridade; e, finalmente, há outros que querem saber para edificar-se a si mesmos, e é prudência». — MANUEL BERNARDES.